

A relação entre a dependência financeira e o silêncio da mulher, na violência doméstica

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar o resultado parcial das observações realizadas em rodas de conversa delineadas por um partido para mulheres, com grupos de mulheres. Vários temas emergiram durante as rodas, sendo a violência doméstica o tema nuclear, em especial o silêncio das mulheres frente ao abuso cometido por parceiro íntimo. O abuso expresso na maioria das vezes por humilhação, chantagem e até mesmo violência física não teve a força necessária para produzir a denuncia e a separação conjugal. O tema da violência é demasiadamente abrangente. Por essa razão, o intuito desse artigo é o de apresentar o relato verbal de mulheres em rodas de conversa que aconteceram na sede de um partido para mulheres, no período de setembro a outubro de 2021 e refletir sobre o comportamento da mulher frente a violência praticada pelo parceiro íntimo. A violência conjugal é um dos grandes desafios da saúde pública global, visto que seus desdobramentos podem levar a transtornos alimentares, outras compulsões, distúrbios do sono, depressão e suicídio.

PALAVRAS-CHAVE: Violência contra mulher, Dependência financeira, Violência psicológica.

INTRODUÇÃO

A violência é um fenômeno complexo, múltiplo e o seu combate e prevenção devem ser feitos a partir de ações de múltiplos atores, para resultar em modificações nas crenças sobre os papéis de gênero e nos padrões de relacionamento.

O reconhecimento da violência contra a mulher como um problema social e de saúde é uma urgência no Brasil. O enfrentamento a esse tipo de violência na esfera pública está regulamentado pela Lei 11.340, de 07 de agosto de 2006 (Lei "Maria da Penha") que passou por atualizações, ao longo dos seus quinze anos, de modo a prover mecanismos capazes de coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Na esfera civil o enfrentamento acontece de várias maneiras, destacando os movimentos sociais que realizam ações diretas de acompanhamento e fiscalização das políticas públicas e de saúde voltadas para as mulheres (LAGE; NADER, 2012, p. 286 e 287)

Segundo dados do DEAM (Delegacia de Atendimento à Mulher), no ano de 2020 foram realizados 22.294 registros de ocorrências no Estado do Rio de Janeiro, sendo que desses 22.294, 6.995 relatavam mais de uma forma de violência (31,4%).

A temática violência doméstica extrapola os aspectos relacionados à renda, ao patrimônio e ao agressor e pode afetar tanto o homem, quanto a mulher. O recorte temporal deste artigo destina-se a iluminar a dependência financeira na perspectiva da mulher e a sua interface com o silêncio frente a violência praticada pelo parceiro íntimo.

A Lei Maria da Penha configura a violência doméstica e familiar contra a mulher como sendo qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial. A violência é uma forma extrema de agressão

Shillings (2011), Gestalt-terapeuta, salienta que a violência é um desrespeito à condição humana e a sujeição financeira, seja por não possuir renda ou pela diferença de remuneração em função do gênero, fragiliza a vítima em função da dependência. O resultado é o empoderamento do agressor, “legítimo proprietário da existência” (SCHILLINGS, 2011, p. 46).

Estudos revelam que por inúmeras vezes o homem faz uso do patrimônio para silenciar e intimidar a mulher. Diante da ameaça de declínio financeiro e da consequente privação, algumas mulheres suportam humilhações e outras formas de violência, independente no nível socioeconômico.

Dentre esses autores está Heleieth Saffiote (1999), pesquisadora que investiga a relação entre a pobreza e a violência. Segundo ela, essa relação deve ser pesquisada a fim de desvelar o papel da baixa remuneração e das condições materiais precárias na produção da violência, de modo a romper com a representação de que os mais pobres tendem a ser mais violentos que os mais ricos. A autora esclarece que apesar do estresse decorrente da baixa remuneração, há formas de violência que só são possíveis entre os ricos: o da subjugação pelo patrimônio. O homem rico pode fazer uso do patrimônio como mecanismo de sujeição e/ou intimidação da mulher para fazer valer sua vontade (SAFFIOTE, 1999, p. 87). Portanto, é um equívoco associar a violência com baixa remuneração.

Segundo Ortega e Rey (2002) um forte desequilíbrio na distribuição de poder social entre iguais, produz um processo que pode terminar em obscuros fenômenos de assédio, hostilidade e maus tratos.

O estudo da violência é complexo e requer contribuições da psicologia, da saúde pública, da neurociência, da sociologia, medicina e outras ciências sociais, fato que aponta para a relevância desse artigo.

DEPENDÊNCIA FINANCEIRA

A relação entre a dependência financeira e a violência doméstica é algo que permeia gerações. Na sociedade ocidental ainda existe a concepção de que o homem é o provedor do lar e a mulher a cuidadora.

Melam (2006) ressalta que no período colonial, até meados do século XIX, as famílias viviam em grandes fazendas rodeadas dos filhos e escravos. A maior parte da alimentação era produzida na própria fazenda e, quando a criança alcançava algum tipo de autonomia, logo era misturada aos adultos para trabalhar. Portanto, as famílias tinham em suas casas um senhor, que tinha o papel de chefe da família, pai, marido e comandante da tropa, e o restante da família o respeitava e seguia suas regras e normas.

Segundo Castells (2002), a família sofreu consideráveis transformações no último quarto século. A mulher mudou sua rotina inserindo-se no mercado de trabalho, passando assim, quase todo o dia fora do seu lar. Mas nem todas tiveram ou tem a oportunidade de exercer funções fora do seu lar e os motivos são diversos, eles podem ser: culturais, religiosos ou sociais como falta de condições e oportunidades. Outras mulheres até trabalham, mas para completar a renda, sendo assim seus ganhos não conseguem manter integralmente as despesas de uma casa. E esses são alguns dos motivos que fazem com que ela se torne dependente financeira do companheiro/ marido e quando há filhos, a situação se agrava um pouco mais.

Ao que se refere a mulher trabalhar e não conseguir manter uma casa, os autores Alves e Pitanguy (2004), explicam que a desvalorização do trabalho feminino, que se reflete em remunerações inferiores à mão-de-obra masculina, se situa na lógica do processo de acumulação de capital em que a superexploração do trabalho da mulher é estabelecido como função específica.

METODOLOGIA

Os resultados da atividade de observação realizada durante o estágio básico III do curso de Psicologia motivou a produção deste artigo que visa apresentar o relato verbal de mulheres em rodas de conversa que aconteceram na sede de um partido para mulheres, no período de setembro a outubro de 2021 e refletir sobre o comportamento da mulher frente à violência praticada pelo parceiro íntimo.

A metodologia utilizada fundamenta-se no método de pesquisa qualitativa e bibliográfica. A coleta de dados foi obtida por meio da observação naturalista da experiência consciente de relatos verbais durante os encontros que aconteceram na sede do partido que tem um núcleo atuante com diversos projetos sociais, com foco na saúde, na dignidade, na segurança, na educação, no empoderamento e na autonomia. Essas relatos foram registrados e os conteúdos categorizados.

Foram observadas 20 reuniões, remotas e presenciais, nas cidades do Rio de Janeiro e Brasília. A amostra foi composta por mulheres com idade variando entre 20 a 50 anos, totalizando 120 mulheres.

A temática das reuniões versou sobre demandas, desafios e problemas do cotidiano. O conteúdo de maior frequência foi o da violência contra a mulher e o da dependência financeira.

E o fato da amostra ter sido composta por pessoas de diferentes idades, procedimento típico de pesquisa transversal, enriqueceu os resultados da observação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a leitura flutuante das entrevistas, foi possível classificar os conteúdos a partir da frequência com que ocorreram nos discursos das mulheres.

Das observações dessas reuniões pode-se depreender que a categoria com maior prevalência foi a da dependência financeira como uma variável que produz a subjugação feminina.

Foram realizadas 20 observações em 60 dias com 120 mulheres de vários locais do Brasil. Foi observado que de cada 120 mulheres 43, o equivalente a 35,8%, são totalmente dependentes do seu parceiro, já sofreram algum tipo de violência e permaneceram em silêncio.

O principal motivo para não denunciar os maus tratos físicos, sexuais ou psicológicos foi o receio de não ter recursos financeiros para a manutenção, sugerindo uma relação entre o silêncio e a dependência econômica. 15% das mulheres afirmaram não ter para onde ir e nem como se sustentar, algumas ainda possuem filhos, o que torna a situação um pouco mais difícil.

Mais de 60% das mulheres realiza trabalhos domésticos e faz pequenos trabalhos em casa, como crochê, artesanato, mas alegam não ser suficiente.

O Resultado evidenciou que os casos de violência foram subnotificados porque as mulheres optaram pelo silêncio, apesar da percepção da violação dos seus direitos, sugerindo que no ambiente sociocultural em que elas foram criadas prevalece a representação da relação de poder e dominação do homem sobre a mulher, sobre a hierarquização dos papéis de gênero.

CONCLUSÃO

Este estudo demonstrou que a dependência financeira silenciou 35,8% das mulheres observadas, sugerindo uma relação entre o silêncio diante da violência e a dependência econômica.

O tipo de violência doméstica sofrida não foi denunciado por receio de não conseguir se manter fora do relacionamento e/ou de não ter para onde ir. A impressão foi a de que as mulheres estudadas não conseguiam vislumbrar possibilidades de exercer sua cidadania e de ter uma vida sem um relacionamento abusivo.

Esse resultado aponta para o fomento de políticas públicas que resultem em programas profissionalizantes gratuitos, visando a autonomia, o empoderamento, o rompimento do ciclo de violência e de dependência do agressor.

Reforça a necessidade de intensificar programas efetivos de apoio as mulheres vítimas de violência e para a urgência de incorporar programas interdisciplinares nas escolas capazes de provocar reflexões sobre a identidade da mulher e o seu papel na sociedade, o respeito nas relações conjugais e os impactos da violência de gênero na criação dos filhos, como forma de prevenir e coibir a violência. A escola é um espaço de prevenção primária das situações de violência doméstica e familiar contra a mulher.

Reforça ainda a relevância das redes de proteção à mulher no desenvolvimento de campanhas e ações outras ações preventivas realizadas pelos Centros de Referência CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) e CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social) e do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM).

Pelo fato da amostra ter sido selecionada por conveniência ou acessibilidade, os resultados se aplicam somente à população estudada, não podendo ser generalizado.

Além dessa limitação, o fato desse estudo advir de rodas de conversa com conteúdos propostas por um partido para mulheres, cujo planejamento e metodologia não seguiram diretrizes científicas, não foi possível identificar se o silêncio feminino frente à violência sofreu influência de fatores mais amplos como a vivência em lares abusivos, convívio com mães que desempenharam papéis passivos, fatores ambientais, de trabalho, vizinhança que afetam o clima familiar e moldam crenças e ideologias que podem levar a esse silêncio.

Apesar disso, os resultados são relevantes, pois apontam a percepção desse grupo de mulheres sobre o motivo de não notificarem a violência, abrindo

oportunidade para novos estudos com grupos focais capazes de identificar as representações sociais das mulheres sobre o seu papel em uma relação íntima e sobre seus direitos. A pesquisa em psicologia sobre esse tema é essencial para contribuir com as ações de enfrentamento da violência de gênero, para diagnosticar a sua prevalência e apoiar políticas para a sua prevenção, que podem ser desde ações que começam nas escolas até políticas sociais e de saúde voltadas para a mulher.

Neste estudo, ficou evidenciado que elas permaneceram em um relacionamento abusivo por insegurança econômica, por temer não ter meios financeiros para sobreviver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRASCO. **Epidemia invisível: qual o papel do SUS frente à violência contra as mulheres?** Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/saude-da-populacao/epidemia-invisivel-qual-o-papel-do-sus-no-combate-a-violencia-contras-mulheres/45504/>. Acesso em 15 de outubro de 2021.

ABREU, Mariany Santos de. **As facetas da dependência econômica como obstáculo para mulheres que sofrem violência doméstica e familiar.** Disponível em https://bdm.unb.br/bitstream/10483/17358/1/2015_MarianySantosDeAbreu_tcc.pdf Acessado em 25 de outubro de 2021.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Relatório Anual Socioeconômico da Mulher.** 1ª Impressão. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, março de 2015. 181p.

BRASIL. **Lei Maria da Penha comentada** – Disponível em <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/lei-maria-da-penha-na-integra-e-comentada.html> - Acessado em 25 de outubro de 2021.

MINCATO, Ramone; DORNELLES Filho, Adalberto A, GRASSI, Paula Cervelin. **Violência e seus múltiplos condicionamentos históricos: Perfil da mulher vítima de violência doméstica no Brasil,** Rio Grande do Sul e Caxias do Sul. Disponível em <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/DialogoCanoas>, n. 27, dez. 2014. Acessado em 25 de outubro de 2021.

ORTEGA, Rosário; REY, O. **Estratégias educativas para a prevenção da violência.** Brasília UNESCO, UCB 2002.

SAFFIOTI, H.I.B. e ALMEIDA S.S. **Violência de gênero poder e impotência.** Rio de Janeiro, Livraria e Editora Revinter Ltda., 1995.

SCAVONE, Miriam; MEDEIROS, Cida. (Org.) **Percepções sobre a violência doméstica contra a mulher no Brasil**. Relatório de pesquisa IBOPE/AVON, 2009. Disponível em www.institutoavon.org.br/wp-content/themes/institutoavon/pdf/pesquisa-instituto-avon-ibope-2009.pdf. Acesso em 10 de outubro de 2021

ABSTRACT

This article aims to present the partial result of observations carried out in conversation circles designed by a party for women, with women's groups. Several themes emerged during the circles, with domestic violence being the core issue, in particular women's silence in the face of abuse committed by an intimate partner. The abuse most often expressed by humiliation, blackmail and even physical violence did not have the necessary strength to produce the denunciation and marital separation. The theme of violence is too comprehensive. For this reason, the purpose of this article is to produce a reflection on the woman's silence in the face of intimate partner violence. Spousal violence is one of the greatest challenges for global public health, as its consequences can lead to eating disorders, other compulsions, sleep disorders, depression and suicide.

KEYWORDS: Violence against women, Financial dependence, Psychological violence.